

A Polemica sobre a Escola de Aplicação da FEUSP

Resenha: Nivia Gordo.

Vimos, no decorrer do relato da situação da Escola de Aplicação, que ela correu o risco de até mesmo ser extinta, conforme se manifestou o reitor da USP. Diante deste fato, o diretor da Faculdade realizou uma série de reuniões da Congregação para discutir tanto a continuidade do ensino fundamental quanto à implantação do ensino médio na Escola de Aplicação. Na primeira reunião da Congregação a respeito do assunto, o diretor da FEUSP deixou claro que a necessidade dessa reunião decorria, entre outros fatores, de *divergências de ponto de vista*. Na verdade, essas divergências referiam-se a sérios desentendimentos entre os professores Nélio Parra e José Mário Pires Azanha. Este fato, aliás, constituiu o *verdadeiro* motivo do pedido de demissão do professor José Mário Pires Azanha da representação junto à Escola de Aplicação e, mais ainda, da sugestão deste professor para pôr a EA em debate. Embora extensas, entendemos ser importante transcrever as cartas trocadas entre esses dois professores, que as encaminharam à Congregação para serem lidas em suas reuniões, conforme consta na Ata da Congregação de 1984, no Livro 14, volume 3, à página 767-806. Veja a seguir.

Carta do professor José Mário enviada ao Diretor da FEUSP para ser lida na reunião da Congregação:

São Paulo, 17 de outubro de 1984. Senhor Diretor. Desde 1976 venho colaborando, com exceção de um ano, com a Escola de Aplicação na condição de representante da Direção da FEUSP. Ao longo desse tempo, tive a satisfação e o orgulho de participar, ainda que em grau menor, do excepcional esforço da Direção e dos professores da EA no sentido de fazer de uma escola, que se dizia então falida, uma instituição educacional respeitada por todos pelo alto padrão de ensino. Creio ser esta a condição essencial justificadora da existência de uma escola de aplicação. Neste momento, porém, a EA e a FEUSP enfrentam um novo desafio, pois, a propósito da implantação do curso de 2º grau, o próprio Reitor levanta dúvidas não só a respeito da necessidade do novo curso como também sobre a conveniência de manter o atual curso de 1º grau. Em face dessa situação e para examiná-la, V.Exa. houve por bem convocar reunião da Congregação, realizada em 16 p. p., a que compareci na qualidade de convidado. No transcorrer dessa reunião, quando se discutia proposta de solicitação de uma audiência do Senhor Reitor para os Membros da Congregação, o Professor Nélio Parra (Chefe do Departamento de Didática) manifestou-se afirmando não ter condições pessoais de defender a escola de aplicação por discordar do

relacionamento dessa instituição com a FEUSP. Ora, esse relacionamento é disciplinado basicamente por dois documentos, a saber, o Regimento da EA e as Normas de Estágios, ambos aprovados pela própria Congregação e reformáveis a qualquer tempo em face de propostas mais interessantes. Até hoje, não obstante comentários esparsos, às vezes depreciativos, e apresentados até mesmo em salas de aula, nenhuma proposta de alteração foi formulada, nem mesmo quando houve solicitação formal sobre o assunto por ocasião dos estudos sobre o 2º grau. Apesar da surpresa com que ouvi a declaração do Professor Nélio Parra, sabedor do que acima está dito, abstive-me no momento de iniciar polêmica em respeito ao Colegiado de cuja reunião de que participava como simples convidado. Neste momento, contudo, sinto-me à vontade para apresentar e solicitar o que segue: 1. A manifestação do Professor Nélio Parra ocorreu em reunião formal de Congregação e como tal constitui-se em fato concreto inarredável, impossível de ser ignorado pela Congregação. Além disso, veicula denúncia implícita e grave de que a EA falhou como escola de aplicação a tal ponto que é indefensável frente a críticas e eventuais tentativas de promover a sua desativação. 2. Evidentemente, denúncia desse tipo, proferida no ambiente em que foi enunciada, tem que ser rigorosamente apurada para que se tomem em seguida providências corretivas e saneadoras. Quero crer que não se trata apenas da questão de estágios e de colaboração no planejamento de atividades porque estas facilmente poderiam ser ajustadas em face de propostas objetivas e consentâneas com os superiores interesses do ensino na EA. As palavras do Professor Nélio Parra sugerem mais: a ausência de uma sólida concepção do que deve ser e de como deve ser organizada uma autêntica escola de aplicação. 3. Permito-me, portanto, sugerir a V.Exa., bem como à Congregação, que se constitua, de imediato, comissão presidida pelo referido professor ou por elemento por ele indicado para preparar relatório que, no mínimo, abranja os seguintes pontos: a- A idéia de uma autêntica escola de aplicação. B – Crítica da EA a partir dessa idéia. C – Reformulação de regimento, normas de estágios e de outros aspectos necessários à reorientação pretendida. 4- A rejeição da minha sugestão seria lamentável porque significaria, no fundo, que a manifestação do referido professor foi apenas ato de leviandade que convém não levar em conta. Confiado no tirocinio de V. Exa. e no espírito público dos demais membros da Congregação, aguardo que o assunto seja encaminhado segundo os superiores interesses da instituição e segundo as normas acadêmicas usuais até mesmo em questões de menor monta. Creio, ainda, ser dispensável reafirmar a V. Exa. que declino da distinção que me foi feita na designação como representante da Direção junto à EA. Isto me parece essencial para que os estudos que preconizo recebam apenas o influxo das ideias renovadoras que, certamente, conduzirão a EA ao padrão que, involuntariamente,

posso ter de algum modo impedido. Na certeza de que esta carta tenha a mesma audiência que a manifestação do professor Nélio Parra, apresento-lhe os meus cumprimentos. Ass. José Mário Pires Azanha, Representante da Direção da FEUSP junto à EA. Exmo. Sr. Prof. Dr. Heladio Cesar Gonçalves Antunha. DD. Diretor da FEUSP.

Ainda na mesma reunião em que foi lida a carta de Azanha, o Professor Nélio Parra pediu a palavra para assim se manifestar:

[...] não queria trazer esse assunto, porque pensei que ficaria no aspecto pessoal, mas no dia seguinte à última Congregação, por volta das 11:00 horas fui interpelado no saguão da Faculdade, no meio de alunos da pós-graduação, orientandos meus – pelo Professor José Mário Pires Azanha, que sem qualquer preliminar, num estado de nervos impressionante, usou os piores nomes de baixo calão, num tom exacerbado. Insisti com ele para irmos à sua sala, querendo explicar o que houve, qual foi a razão, mas não tive chance nenhuma e esta carta vem demonstrar as dificuldades que temos na Faculdade para que ideias divergentes possam ser discutidas num ambiente acadêmico. Não é uma posição minha que deve provocar esse tipo de reação. Eu ser ofendido moralmente, em altos brados no saguão da Faculdade, na presença de diversos alunos? É muito simples e normal, em colegiados, a discordância e argumentações. Isso é mais uma evidência de que diversas vezes tentei conversar sobre o relacionamento da Escola de Aplicação e Faculdade de Educação e tive esse tipo de reação. Uma reação fechada, como se fosse um assunto indiscutível. Acho que é minha opinião e, não a opinião da Congregação; estávamos conversando aqui, foi uma opinião lançada, uma impressão que tenho no momento, que de maneira alguma merecia esse tipo de reação. Mas é a dificuldade que temos nessa Faculdade, por parte de alguns professores, em dialogar. Alguns perderam o costume de ouvir opiniões divergentes. Eu sinto muito ter sido também sem qualquer intenção de ampliar mais as discussões. Simplesmente estávamos conversando abertamente, trocando opiniões. Mas foi um fato lamentável e presenciado por muita gente.

Na 137ª. Reunião Ordinária da Congregação da Faculdade de Educação da USP, o diretor solicitou a leitura de documento (In: Ata da Congregação, 1984, Livro 14, vol. 3, p.782-784) de autoria do professor Nelio Parra em resposta à carta do professor José Mario Pires Azanha a respeito do desentendimento entre ambos, por divergências quanto aos objetivos da Escola de Aplicação. Segue o documento transcrito.

Carta do professor Nélio Parra enviada ao Diretor da FEUSP em resposta à carta do professor José Mário de 18/10/84

São Paulo, 22 de outubro de 1984, Senhor Diretor. Vejo-me constrangido, em razão dos termos do ofício enviado pelo Professor José Mário Pires Azanha e lido na última reunião da Congregação (18/10/84) a expor a V. Exa. e demais membros deste Colegiado, o que segue: No dia seguinte ao da penúltima Congregação (16/10/84) cerca das 11 horas da manhã, no saguão da FEUSP fui, sem qualquer preâmbulo, argumentação ou pedido de esclarecimento, destrutado pelo Professor José Mário Pires Azanha de uma forma que prefiro não reproduzir neste documento. Apesar do descontrole emocional do citado professor, consegui depreender que tal comportamento fora motivado por pronunciamento que eu fizera na sessão da Congregação em que se tratou da Escola de Aplicação. O respeito e a admiração que sempre dediquei ao Professor José Mário Pires Azanha levaram-me a sobrelevar o incidente, buscando outras explicações ao fato, que não a mera existência de pontos de vista divergentes, na certeza de que, passada a 'tempestade' do momento, discutiríamos nossos desacordos num clima mais compatível com o ambiente acadêmico. Devo lembrar que em outras ocasiões, quando tentei analisar o assunto 'Escola de Aplicação', com o Professor José Mário Pires Azanha, a sua reação, se bem que não tenha atingido o nível desta última, não foi, em absoluto, animadora. Entre manter uma amizade a mim muito cara e insistir na análise do problema em questão, pondo em risco a primeira, optei pela amizade. O acontecido agora evidencia que o meu receio não era infundado. Entretanto, e daí a razão principal desta manifestação, no dia seguinte ao do deplorável ocorrido, fui surpreendido com a leitura do ofício do professor José Mário Pires Azanha a V. Exa., onde é dada a interpretação parcial à minha intervenção da Congregação em tela. Sinto-me, pois, obrigado, funcional e moralmente, a prestar os esclarecimentos seguintes que reputo importantes para a compreensão dos fatos. O relato, ainda que sucinto, da atmosfera das sessões da Congregação (dias 16 e 18/10/84) quando se discutiu o grave problema colocado pelo Senhor Reitor a V. Exa., a respeito da continuidade ou não da Escola de Aplicação, é fundamental, principalmente para os que pretendem julgar o conteúdo e as intenções dos diversos pronunciamentos dos senhores membros deste Colegiado. A fidelidade

desta exposição poderá ser verificada através das gravações das fitas magnéticas destas reuniões. A surpresa e a perplexidade dos membros da Congregação ante a proposta da Reitoria de desativação da Escola de Aplicação geraram manifestações diversas onde da busca de explicações saltava-se à discussão de estratégias para, logo em seguida, voltar-se ao ponto inicial. Neste caminhar em círculo, dois pontos foram por todos aceitos: 1) A preservação da Escola de Aplicação cujos méritos são inquestionáveis e, 2) a não concordância com uma sobrecarga ao já insuficiente orçamento da FEUSP. Em certo momento foi sugerido um encontro dos membros da Congregação com o Senhor Reitor, para tentar esclarecer o problema. Perguntas bastante pertinentes formuladas pelo Professor Dr. Alexandre Augusto Martins Rodrigues aos membros da Congregação, a respeito do papel atual da Escola de Aplicação nas atividades da FEUSP, revelaram-se de difícil resposta. Tal fato, diga-se de passagem, repetiu-se na reunião seguinte, de 18/10/84, quando novamente o Professor Dr. Alexandre levantou a hipótese de que, talvez, respostas claras, bem fundamentadas sobre o relacionamento da Escola de Aplicação com a Faculdade devessem constituir o argumento forte em um possível encontro com o Senhor Reitor. Nesta oportunidade, assim como os demais colegas, manifestei meu ponto de vista, externando informações sobejamente conhecidas e admitidas, a respeito do pequeno intercâmbio entre as duas entidades em questão. Acredito ter sido até cansativo ao insistir que não estava interessado em buscar possíveis culpados para o fato, mas sim em dialogar, em outras circunstâncias, para em conjunto resolver a situação. Ao longo dos debates afirmei que em uma hipotética entrevista da Congregação com o Senhor Reitor, eu não teria condições morais de, se questionado diretamente, afirmar que, em razão do uso que a FEUSP faz atualmente da Escola de Aplicação, esta se justificaria quanto 'laboratório de ensino'. Em certo momento desta discussão, o Professor José Mário Pires Azanha retirou-se da reunião. Na troca de opiniões em que se seguiu e se prolongou na reunião seguinte, pude concluir e justificar o meu pronunciamento anterior: não deveríamos correr o risco de manter um contato com o Senhor Reitor, antes que tivéssemos firmado uma posição bem definida quanto ao papel de uma Escola de Aplicação para uma Faculdade de Educação, que não era este o momento para se discutir se o atual relacionamento entre estas duas entidades era bom ou não. O que importava agora era manter em funcionamento a 'escolinha'. Como disse antes, a gravação em fita magnética pode comprovar as afirmações aqui expostas que, diga-se de passagem, foram esposadas pela maioria

dos membros da Congregação. O objetivo era claro: dar mais peso ao argumento da necessidade de um 'laboratório de ensino' (Escola de Aplicação) para a FEUSP. O acompanhamento apenas parcial das reuniões da Congregação onde se discutiu a Escola de Aplicação pode, em parte, explicar o comportamento do professor José Mário Pires Azanha, que relatei no início e também o nível de sua interpretação, exposta no ofício mencionado, interpretação que vai além das limitadas informações de que dispunha, de vez que não participou de toda a discussão. A acusação de levandade levantada em seu ofício, pois, deve ser redirecionada. Senhor Diretor, não poderia encerrar este ofício sem manifestar o meu profundo respeito a todos os membros da Congregação que em que pesem o clima preocupante que nos envolve e o esforço exigido em sessões quase que permanentes, tentaram, com a máxima boa vontade, compreensão e respeito mútuo, encontrar uma maneira adequada e compatível com o nível das partes – Reitoria e Congregação – para solucionar o grave problema com que se defronta a FEUSP atualmente. Um ambiente desta natureza, de discussão livre e de respeito às ideias divergentes, é básico à sobrevivência de uma instituição. É nestas circunstâncias de 'crise' que, principalmente, os ideais mais altos da Faculdade devem prevalecer acima de quaisquer discordâncias ou desentendimentos que possam ocorrer em nível das pessoas. Solicitando de V. Exa. a gentileza de que este ofício seja lido e incluído na Ata da próxima reunião da Congregação, reitero-lhe os meus mais atentos cumprimentos. Ass.: Nélio Parra. Chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada.

A carta do Professor Nélio Parra deu ensejo à nova resposta do Professor José Mário. Segue o ofício (In: Ata da Congregação, 1984, Livro 14, vol. 3, p.740-43) transcrito.

**Ofício do Professor José Mário Pires Azanha ao Professor Nélio Parra
(com cópias para os Membros da Congregação da FEUSP).**

São Paulo, 25 de outubro de 1984.

Senhor Professor

Não era minha intenção retomar o assunto de sua conduta na reunião da Congregação, realizada em 16 p.p.. Minha carta ao Diretor da FEUSP havia, para mim, encerrado o episódio. Nessa carta não há nenhuma ofensa ao senhor. Apenas frisei nela que se a Congregação não constituísse a comissão que sugeri para examinar suas considerações sobre a escola de aplicação, isso equivaleria na prática a tomá-las como levianas. Textualmente, eu disse: “A rejeição de minha sugestão seria lamentável porque significaria, no fundo, que a manifestação do referido professor foi apenas ato de leviandade que convém não levar em conta.” Continuo a pensar assim.

Contudo, o senhor sentiu-se agravado, não pela Congregação que não constituiu a comissão sugerida, mas, por mim e apressou-se em escrever também ao Diretor da FEUSP expondo a sua versão do episódio. Não se limitou, porém, aos fatos e investiu pesadamente contra a minha pessoa. O perfil que me traça é inteiramente negativo sem nenhuma atenuante. Retrata-me como impulsivo, grosseiro, avesso à discussão, intolerante e além de tudo leviano, pois teria feito afirmações sobre fatos que não conhecia completamente. Confesso-lhe que nunca fui julgado tão severamente e com tal furor. De minha atuação nesta Faculdade, segundo sua carta, nada sobra de positivo.

Permita-me, pois, retomar alguns pontos da referida carta, não para justificar-me, mas apenas para a justa memória das coisas.

1 – Em primeiro lugar, não o abona academicamente o uso desenvolvido que faz da falácia “argumentum ad hominem”, dirigindo o ataque ao homem na esperança de assim desvalorizar suas ideias e posições. Tal prática, usual na imprensa marrom, é essencialmente astuciosa. Confesso-lhe que em minha longa vida de serviços públicos, provada em situações difíceis, apenas algumas vezes defrontei-me com tal procedimento. É um tipo de argumento retoricamente eficaz porque aposta na turvação das águas. V.Sa. usou dele quando, desconsiderando inteiramente minha modesta mas efetiva contribuição aos trabalhos da EA, procurou confundir minha austeridade no serviço público com carranca, mau humor, irascibilidade etc.. Não lhe será difícil obter êxito no exercício dessa prática. Minha figura física facilitar-lhe-á a tarefa.

2 – Segundo os termos de sua carta, eu teria agido levemente porque fui precipitado em afirmar coisas sem conhecimento completo do que ocorrera em reuniões da Congregação a que não assisti. Repilo a injúria por duas razões. Em primeiro, porque não é verdade. Na minha carta ao Diretor da FEUSP ative-me exclusivamente ao que o senhor confessa que afirmou mesmo, isto é, não ter condições pessoais (ou morais) de defesa da EA como escola de aplicação. Segundo, porque o senhor está precariamente credenciado para ajuizar moralmente a minha conduta no episódio. Senão, vejamos. Temos convivido diariamente nesta Faculdade e no dia em que ocorreu a referida reunião almoçamos juntos, mais a senhora diretora da EA. Nessa ocasião, conversamos sobre o assunto da reunião, a carta da Direção da FEUSP à Reitoria, o senhor adiantou, sem que lhe perguntassem, que iria apenas propor a aprovação dos termos da mesma. Depois, conduziu-se diferentemente do que dissera, pois a carta do Senhor diretor foi em defesa da EA e o senhor alegou não ter condições de fazer essa defesa (voltarei a este ponto). É claro que cada um age segundo seus próprios princípios, mas não pude evitar a surpresa, porque não consigo aceitar que se possa agir em desacordo com o que se afirma. Em face disso, por mais comedido que queira ser, não sei como evitar a palavra deslealdade para descrever o seu desempenho no episódio.

3 – Por isso mesmo, ao procurá-lo no dia seguinte para exprobar-lhe a conduta usei o calão, única linguagem que me pareceu adequada ao momento. Porque, convenhamos, em certas questões de caráter o calão tem uma força descritiva que falta à linguagem acadêmica, tão eufemística e solene. Afinal, em Roma, como os romanos.

4 – Ao longo de sua carta, o senhor procurou caracterizar-me como avesso à discussão e intolerante com as divergências, razão pela qual até hoje não foi possível que a sua crítica e a de outros pudessem produzir os desejados efeitos corretivos nos descaminhos pelos quais, com minha orientação, enveredou a Escola de Aplicação. A situação teria chegado a tal ponto que, hoje, essa escola é indefensável. Baldadas vezes teria havido tentativas de crítica. Todas repelidas por mim.

Não me interessa esquadrihar a motivação que o levou a essa apresentação do relacionamento entre a EA e a Faculdade. Mas, ela repousa numa inverdade. O relacionamento entre as duas instituições é regulado pelos respectivos regimentos e por normas de estágios fixados por comissão conjunta.

Nunca houve por parte dos professores da Faculdade formulação da proposição de reexame desses documentos apesar até de ter havido oportunidades formais para tal. Além disso, em cada início do ano há convite para que professores

da FE participem do planejamento das atividades da EA. Enfim, oportunidades de crítica têm sido sistematicamente desconsideradas. Nenhuma divergência se estabelece sem crítica. A menos que, quando fala em divergências, o senhor esteja se referindo a comentários à boca pequena de que vez por outra se tem notícia. Mesmo em relação a esse tipo de comentário, V.Sa. não poderá negar que há cerca de dois anos solicitei-lhe formalmente que convocasse uma reunião para esclarecer e discutir o assunto, pois tomáramos conhecimento de que isso estaria ocorrendo em sala de aula. Mas, nunca houve a reunião solicitada. Ainda há pouco, no Congressinho da FEUSP, propus de público e na sua frente que o assunto do relacionamento EA-FE fosse objeto de um exame sistemático por professores e alunos. Também desta vez nada houve.

Percebe-se que com relação a este ponto V.Sa. também usa a técnica do "argumentum ad hominem". Retratando-me como intratável e intolerante seria inútil tentar o diálogo. Porém, ainda assim, cabe observar que eu não sou a escola de aplicação e que na Direção da mesma há uma pessoa extremamente afável, humilde e bem educada.

5 – Há ainda outro ponto a esclarecer a respeito de suas palavras na Congregação sobre não ter "condições morais" de fazer a defesa da EA como escola de aplicação. Realmente, nós dois sabemos que não tinha. O porquê também, pois por ocasião da carta do Senhor Reitor ao Diretor da Faculdade fazendo interpelação a respeito do interesse na manutenção da EA, V.Sa., já tinha dito ao Reitor que a EA nada mais era do que uma prestação de serviços à comunidade. Isso, eu soube de sua própria boca, dito na presença do Prof. Celso Beisiegel. Apesar de censurá-lo na ocasião, jamais difundi a informação para não fazer intrigas num assunto de tal relevância. Percebo agora que errei, pois o fulcro da posição do Senhor Reitor é exatamente este: não cabe à Universidade propiciar escolaridade de 1º e 2º graus a ninguém, por isso, prestando a EA apenas esse serviço não seria irrazoável desativá-la. No entanto, ao afirmar na Congregação que não teria "condições morais" de defender a EA, V.Sa. omitiu esse fato que, contudo, é altamente relevante para a plena compreensão de toda a história. Eu, por consideração humanitária também silencieei.

6 – Finalmente, há ainda um ponto a considerar. Num trecho de sua carta, a propósito do relacionamento entre EA e FEUSP, V.Sa. num rasgo que parece ser de generosidade, disse "que não estava interessado em buscar possíveis culpados." Estranha linguagem. Estranha mentalidade acadêmica! Repugna-me ouvir dizer que numa universidade, pessoas que têm certas ideias em Educação e que as expõem e defendem, possam por qualquer critério que seja, serem consideradas culpadas, ainda que impunes e perdoadas. A culpa e a inocência não são categorias para

avaliar a vida acadêmica. Já houve um tempo, não muito distante, em que os “culpados” eram chamados de subversivos. De minha parte, que atravessei esse tempo e sofri o seu peso, rejeito a generosidade mal colocada.

Parece-me desnecessário o alongamento desta carta. A um leitor sereno, ela fornece elementos para um ajuizamento também sereno de tão desagradável episódio. Lamento muito profundamente ter sido constrangido a escrevê-la. Mas, não pude deixar de fazê-lo por respeito à minha própria atuação nesta Faculdade. Não tenho do que me defender, mas não posso consentir que com leveza sejam desconsiderados serviços que prestei com inatacável honestidade pessoal e profissional.

É de se lamentar, ainda e acima de tudo, que não esteja ocorrendo o mais importante, que é a defesa unânime de uma escola que, embora imensamente aperfeiçoável, constitui uma demonstração inequívoca de que também a escola pública pode ser uma boa escola.

Lamento, finalmente, que V.Sa. tenha se prestado talvez até incautamente a um jogo confuso e destrutivo cuja motivação não identifico.

Assinado: José Mário Pires Azanha

* * *

Conforme afirmara, Azanha demitiu-se do cargo de representante da FEUSP junto à Escola de Aplicação em 1984, mas empenhou-se na realização de um debate sobre a escola. A propósito, ele comenta o fato de que discutir, criticar e reformular experiências de ensino deveria ser uma atividade corriqueira numa instituição acadêmica. Entretanto, não era este o caso a respeito do debate sobre a Escola de Aplicação que constituía um fato insólito. Daí a necessidade de serem explicitadas com clareza as *razões* desse acontecimento, bem como os *objetivos* a serem alcançados, o que será descrito a seguir.